

## Reminiscências da infância

*Sônia Regina da Silva*

Minha filha Soninha, mais comumente chamada de “a nossa Tetê”, você sempre foi o xodozinho da família, mesmo com todas as suas traquinagens. Desde os seus cinco aninhos, você já pulava e se escondia de todos pelos quatro cantos da casa. Morávamos nela por longas datas, no famoso bairro chamado Planalto Paulista. Lembro-me de uma tarde quando sorriu para mim com seu rostinho robusto, cheio de vigor. Seus olhinhos pretos, sempre muito vivos a me olhar, e disse-me:

– Papai vou brincar com as borboletinhas lá fora.

E eu respondi:

– Vá, minha querida, e tome cuidado para não se machucar.

Mas, de fato, você não foi brincar de pegar as tais borboletas, e sim foi incendiar o mato seco que havia em um terreno baldio, ao lado da nossa casa, enquanto procurava matar formigas gigantes a transitarem pela terra vermelha ali existente. Foi um momento de sua existência que jamais esqueci, em virtude da sua personalidade forte ao mesmo tempo endiabrada. Pois, tudo o que decidia fazer sempre fui o primeiro a saber das suas vontades e de seus caprichos. Talvez porque sempre mantivemos uma profunda e inexplicável cumplicidade que tanto nos unia.



## Carta à Alejandra Pisarnik

*Sônia Regina da Silva*

S. Paulo, 1-II-23

Estimada Alejandra,

O seu fragmento de diário, escrito em 1958, detive-me, minuciosamente, a lê-lo. O trecho que mais me chamou a atenção foi quando você disse:

[...] me impulsiona, não só a continuar escrevendo [...], mas a escrever mais poemas e mais prosas. Deveria começar meu romance. Mas me assusta minha imperícia literária. Só que como adquiri-la se não começo? E preciso recuperar minha infância, urge detê-la, desenterrá-la de seu pântano de medos. Mas pensando bem, eu tive uma infância? Não, acho que não. Não tenho uma só lembrança dela que me permita a mais mínima nostalgia. Não tenho nenhuma lembrança boa do meu tempo de criança.<sup>1</sup>

Hoje é sábado. Aproveitei para ler os seus diários, principalmente, este trecho no qual você aborda o seu pavor sobre a sua imperícia literária, que para mim não deixa de ser, naturalmente, a função da escrita na nossa vida. Sabe, aquele escrever sobre tudo o que está ao nosso redor?! Pois bem, digo a você para não ter medo! E levar em consideração o seu questionamento sobre como adquiri-la (a imperícia literária) se não começar. E, deste modo, tomei a liberdade para lhe escrever sobre a minha infância, que é uma forma que tenho de resgatá-la, prazerosamente, por meio da literatura.

Confesso a você que estou, sim, sem muita intimidade com o papel e as palavras, mas tento superar isso tudo. Logo, passo horas a pensar em como narrar uma, talvez duas das inúmeras lembranças de minha infância que me possibilita reviver momentos nostálgicos. Pois, lhe digo que essas horas correm, alucinadamente, como um vento forte que sopra com grande ímpeto assustador. E, assim, por fim, tomei coragem de imediato para começar. Prometo não me estender muito.

---

<sup>1</sup> Alejandra Pisarnik, *Diários*. Tradução de Paloma Vidal.



Uma das maiores saudades daqueles doces momentos da minha infância, posso lhe dizer que foram instantes que mais convivi com o meu saudoso e querido pai, cúmplice a todo momento das minhas traquinagens. Eu era o seu xodozinho, a Tetê, como era chamada por todos. E papai, confesso com todas as letras, tinha o seu jeitinho todo singular, às vezes, sério, mas ao mesmo tempo possuía uma simpatia inigualável aos demais familiares.

Lembro-me de que morávamos, no famoso bairro Planalto Paulista, em uma imensa casa, na qual pulava por deveras e escondia-me pelos quatro cantos com um imenso prazer. Adorava esconderijos... O meu predileto ou era debaixo da cama, ou no alçapão, meu maior deleite ao brincar de esconde-esconde com as pessoas.

E para cumprir com o prometido a você, que eu seria breve, finalizo com uma travessura que a todos deixei com os cabelos de pé. Pois, por essa reinação ninguém esperava e confesso que, por alguns instantes, também fiquei muito assustada com o ocorrido, enquanto buscava diversão. Juro que não foi intencional e sim acidental.

Em uma tarde ensolarada, por volta de umas duas horas da tarde, dirigi-me a papai dizendo a ele que iria brincar com as borboletinhas do lado de fora da nossa casa, onde morávamos por longas datas. E, assim, tive o seu consentimento. No entanto, no meio do caminho, mudei de ideia e fui em direção a um terreno baldio que ficava ao lado de nossa residência. Chegando neste terreno, deparei-me com enormes formigas a transitarem em plena terra vermelha ali existente, quando, sem notar, fui picada por duas delas. Assustei-me com a dor e as bolhas que surgiram em minhas mãos. Então, decidi colocar fogo no mato seco para defender-me das ditas-cujas. E o inesperado aconteceu... O fogo se alastrou invadindo a casa vizinha, de modo que todos, muito assustados, correram para conter aquela tragédia. Assim, fugi e me escondi no alçapão da casa com muito medo de tomar uma severa punição. Porém, papai ao me procurar e encontrar, e como sempre entendeu que eu nada fazia por maldade, explicou-me sobre as sérias consequências daquele ato impensado. Enfim, apesar de ter sido um momento difícil e muito pavoroso para mim, recordo-me com bastante carinho daquela época, porque tive a certeza de que sempre mantivemos uma profunda e inexplicável cumplicidade respeitosa que tanto nos unia.



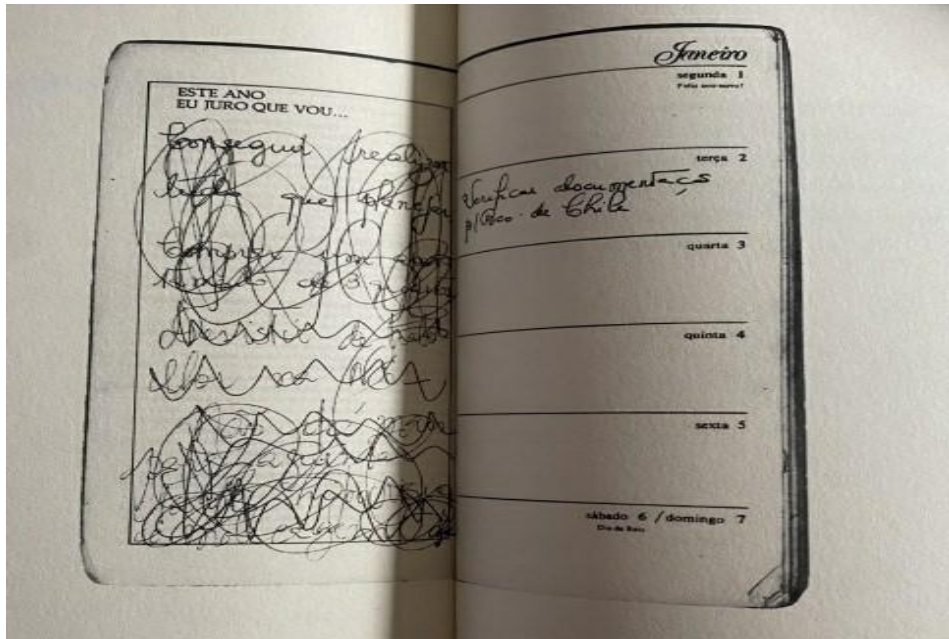
Desse modo, Alejandra, peço desculpas pelas minhas delongas... mas, esse foi o período marcante da minha infância que decidi compartilhar com você. Espero ter contribuído para que se encoraje a escrever algo sobre as suas lembranças também.

Com o abraço fraterno da  
Sônia.



S. Paulo, 6-II-23

Sônia Regina da Silva



Cara Alejandra,

Como tem passado? E como vão as suas escritas?

Hoje é segunda-feira. Estou aqui a redigir cartas e, de repente, bateu-me uma imensa vontade de lhe escrever novamente. Trago ótimas notícias. Saiba que agora estou mais íntima do papel e das palavras, graças a você, quando li um fragmento de seu diário, datado em 1958, no qual dizia-se “[...] me assusta minha imperícia literária. Só que como adquiri-la se não começo?”<sup>1</sup>.

Assim, então, me vi tomada por um ávido impulso, sem medos, para lhe escrever novamente sobre as minhas principais reminiscências de infância, sem o menor pavor da tal “imperícia literária”. Sinto-me, atualmente, uma verdadeira perita, de modo que não haja espaço para o medo de morrer sem

<sup>1</sup> Alejandra Pizarnik, *Diários*. Tradução de Paloma Vidal. Referência: PIZARNIK, Alejandra. *Diários*. Buenos Aires: Lumen, 2013.



ter ao menos escrito algo sobre mim mesma. Pois, a dificuldade para escrever não mais existe, há sim uma necessidade muito grande que ultrapassa o meu intelecto, de modo a propiciar-me o resgate da minha infância por meio da criação de imagens.

Admito que mantenho, intensamente, uma familiaridade com o meu diário, no qual faço o uso de emaranhados riscos e rabiscos, que simbolizam a reconstrução de importantes cenas que remetem aos bons momentos da minha infância.

À vista disso, adianto que esses riscos e rabiscos emaranhados expressam, significativamente, uma ordem hierárquica (topo superior, médio e inferior) correspondente a esses períodos das minhas traquinagens e afetos, que fizeram de mim a criança mais feliz, durante os meus cinco aninhos de vida. Começando assim, pelo topo superior ao médio (emaranhado de riscos e rabiscos mais simples), como pela troca de afetos com papai, pelas brincadeiras de esconde-esconde, com as borboletinhas do lado de fora da casa e, por fim, com o triste desfecho (topo inferior com um emaranhado complexo de riscos e rabiscos) que se teve com o episódio do terreno baldio, referente à propagação do fogo por mim colocado no mato seco, para defender-me de enormes formigas que vieram a me atacar. De fato, confesso que este episódio foi um momento de tensão para todos por não ter sido tão prazeroso.

Creio que entenda, quando me refiro acerca da importância da imagem desses riscos e rabiscos em meu diário. Pois, é através desses recursos de imagem que procuro rememorar as minhas vivências de épocas distantes. E, dessa maneira, gostaria que observasse meu diário e obtivesse as suas próprias conclusões. Então, peço a você que o leia, quando tiver um tempinho, e depois me conte sobre as suas reais impressões. Ficarei no aguardo.

Um abraço amigo,

Sônia.

